

**AS CONTRIBUIÇÕES DA PSICOLOGIA SOCIOCULTURAL
NOS ESTUDOS LINGÜÍSTICOS**

Jéssica de Freitas Machado (FAETERJ)

jessicaemigueljr@gmail.com

Daniela Oliveira Ferreira (FAETERJ)

dani.oliveira.ferreira@gmail.com

Ionice Ávila Pereira (FAETERJ)

ioniceavila@gmail.com

Karina Detogne (FAETERJ)

karinadetogne@ig.com.br

1. Introdução

Sendo a língua um sistema social, o presente artigo tem por finalidade explicar de que forma a psicologia pode contribuir na interação comunicativa, favorecendo o amadurecimento cognitivo, social e cultural do indivíduo.

Sendo a linguagem um processo de inserção social do homem, os estudos psicológicos contribuem para o desenvolvimento pleno das capacidades cognitivas que envolvem a percepção e a língua.

A linguagem possibilita a interação e a comunicação entre os indivíduos e é através da palavra que o indivíduo consegue se exteriorizar de sua vida interior, corrigindo suas ações futuras, ou seja, já possui a abstração da realização de seu ato. Com o surgimento da linguagem há também uma aceleração do desenvolvimento cognitivo, onde a criança se afasta de sua objetividade abstraindo o real em desejos e fantasias.

Sendo assim, os estudos psicológicos auxiliam o amadurecimento cognitivo, social e cultural do indivíduo, buscando um aperfeiçoamento da linguagem, de forma com que o indivíduo consiga estabelecer um papel social, utilizando-se da fala.

No entanto, o campo da psicologia que mais influencia a linguística é a Gestalt, que tem por objeto de estudo a percepção, presente nos discurso de cada falante, que com a capacidade de abstração, também presente nos estudos da Gestalt, evoca no indivíduo o poder de elaboração de um discurso a partir da origem de outro, ou até mesmo pela imaginação, sem ser necessário que os fatos e os personagens do discurso sejam realmente verídicos.

Contudo, dentre os psicólogos que mais contribuíram para a linguística está Vygotsky, que com sua formação psicológica conseguiu mesclar na educação um processo de trabalho com o desenvolvimento cognitivo e linguístico da criança, proporcionando um avanço educacional muito grande e contando com o apoio dos *Parâmetros Curriculares Nacionais*, que apesar de serem elaborados muito após a sua morte, contém embasado muitas referências deixadas por este teórico.

Enfim, o presente trabalho relaciona as propostas psicológicas da educação com as propostas linguísticas e como a psicologia pode auxiliar no aprendizado da língua materna.

2. Língua: um sistema social (sociocultural)

De acordo com Câmara Jr. (1968, p. 223 *apud* CHAGAS, p. 70) sendo a língua um “sistema de sons vocais por que se processa numa comunidade humana”, está em constante renovação. No campo sociolinguístico, a língua está sempre em reconstrução e desconstrução, que nunca se conclui, sendo realizada em atividade social, por meio da coletividade e produzida por todos seus falantes através da interação por meio da fala e da escrita, variando conforme a região, a classe e o meio onde o falante está inserido.

A variação linguística pode ocorrer de forma diferenciada até mesmo no interior de um único grupo social, apresentando-se de forma organizada, sendo condicionada por diversos fatores, dependentes das características originárias da língua, pois como tal, ela é um sistema que proporciona a seus usuários a base necessária para interagir plenamente com a cultura social.

A variedade de uma língua que um indivíduo usa é determinada por quem ele é. Todo falante aprendeu, tanto a sua língua materna como uma particular variedade da língua de sua comunidade linguística e essa variedade pode ser diferente em algum ou em todos os níveis de outras variedades da mesma língua, aprendidas por outro falante dessa mesma língua. Tal variedade, identificada segundo essa dimensão chama-se dialeto (CHAGAS, p. 71).

Os dialetos variam de acordo com a classe social, com a região, com a idade e com o sexo. Sendo assim, a linguagem de um jovem rapaz pode ser diferenciada da linguagem de um idoso ou de uma mulher, mesmo que estes pertençam à mesma comunidade. Todavia, a língua, num processo sociocultural, tem a finalidade de estabelecer e proporcionar uma comunicação que seja entendida por todos os seus usuários.

Mesmo ocorrendo modificações nos dialetos, a linguística deve provocar uma interação entre os falantes, para que estes utilizem da fala em seus relacionamentos sociais e culturais, de forma que qualquer receptor consiga entender a mensagem transmitida pelo emissor.

Segundo Perini (2001 *apud* CHAGAS, p. 71):

Há duas línguas no Brasil: uma que se escreve (e que recebe o nome de “português”); e outra que se fala (e que é tão desprezada que nem tem nome). E é esta última que é a língua materna dos brasileiros; a outra (“o português”) tem de ser aprendida na escola, e a maior parte da população nunca chega a dominá-la adequadamente.

Ao contrário dos gramáticos que querem uma reprodução fiel das normas e regras da gramática portuguesa, os linguistas estão mais preocupados em inserir a língua no meio social para que seja possível estabelecer uma comunicação precisa e significativa, pois a escrita não possui a mesma dimensão e riqueza da fala.

Com o recurso da linguagem é possível ao homem uma representação da realidade física e social, estabelecendo um vínculo muito forte com o pensamento, possibilitando que, através de ações seja possível comunicar ideias e pensamentos, influenciando o próximo e estabelecendo relações interpessoais, permitindo que o indivíduo adquira novas formas de compreender o mundo e agir sobre ele.

No entanto, para que haja tal ação, é necessário que o emissor e o receptor da fala estejam interagindo num mesmo contexto, caso contrário não haverá uma comunicação real. Sendo o contexto uma parte da representação mental, é através da compreensão de mundo que o indivíduo estabelece condições de adequação à fala, levando em consideração situações passadas ou futuras do falante e do ouvinte.

Como a língua é considerada reflexo da cultura e determinante de formas de pensamento, o código linguístico não apenas reflete a estrutura de relações sociais, mas também a regula. O homem aprende a ver o mundo pelos discursos que assimila e, na maior parte das vezes, reproduz esses discursos em sua fala. Se a consciência é constituída a partir dos discursos assimilados por cada membro de um grupo social e se o homem é limitado por relações sociais, não há uma individualidade de espírito nem uma individualidade discursiva absoluta. (CHAGAS, p. 74)

Isto é, cada falante utiliza a língua aprendida dentro da cultura e da sociedade ao qual pertence, no entanto os vocábulos aprendidos podem sofrer alterações de acordo com a sociedade e cultura no qual seu usuário possa passar a pertencer.

Antes de falar, o indivíduo primeiro mentaliza sua pronúncia, para depois pô-la em prática, contudo, ambos, falante e ouvinte, devem estar sintonizados com o mesmo contexto, ou seja, devem conhecer os dialetos, para que possam se comunicar e interagir socialmente.

3. As contribuições da psicologia no uso da linguagem

Segundo Leite (p. 2), os psicolinguistas e os psicólogos preocupados com questões linguísticas, no final da década de 70, realizaram trabalhos voltados para aspectos estruturais e funcionais da linguagem, levando-os a tratarem de forma primordial a função da linguagem e “questões de ordem semântico-pragmática”, onde esta quando trata de assuntos linguísticos em forma de contexto possui o atributo de “cobertura” (que envolve o todo), no entanto quando comparada a semântica não possui um significado nítido.

A linguagem possui as funções de representar e comunicar, no qual a representação permite a reprodução de objetos, ações, entre outros, por meio de signos. Nesse aspecto, a linguagem codifica as informações visando suas funções cognitivas, representando também o pensamento. Já a comunicação transmite a informação do emissor ao receptor por meio da interação social.

Conforme Azevedo e Lepesqueur (2011, p. 66), a relação existente entre psicologia e linguística é muito significativa, principalmente no que se refere à “dimensão cognitiva da linguagem”, em especial no uso de habilidades e capacidades de categorizar, abstrair, memorizar e perceber.

Apesar dessas questões estarem mais voltadas à psicologia, a linguística cognitiva tem um grande envolvimento, pois estas capacidades relacionam as duas ciências, no uso da linguagem e da cognição.

A escola da psicologia que teve mais contribuição para os estudos linguísticos foi a Gestalt, que surgiu no início do século passado através dos estudos de Köhler, Wertheimer e Koffka, tendo ela uma influência maior na linguística cognitiva.

O objeto de estudo da Gestalt é a percepção que se encontra presente nos pensamentos e na linguagem. Desse modo, para utilizar a linguagem é necessário de recursos psicológicos e cognitivos, uma vez que os princípios que regem a cognição se encontram, também na linguagem.

[...] os significados linguísticos são resultado tanto do conteúdo conceptual evocado, como da perspectivização conceptual imposta a esse conteúdo. Isto é, os conteúdos expressos linguisticamente trazem sempre uma dimensão de perspectiva, expressam um determinado ponto de vista sobre a 'cena' sendo descrita. (AZEVEDO & LEPESQUEUR 2011, p. 67).

Quando um falante de língua observa uma cena e descreve invertendo a posição de um objeto, ele tem uma noção, que está estritamente ligada ao campo visual e cognitivo da Gestalt. No entanto, a linguagem e o discurso feito pelo falante pertencem a linguística. Entende-se então que, nesse sentido, a psicologia da Gestalt contribui para noções abstratas do campo visual e cognitivo do uso da linguagem.

A linguística cognitiva, através dos espaços mentais, usa a percepção visual para descrever o modo pelo qual a informação linguística se distribui no nível cognitivo ao mesmo tempo em que a linguagem vai sendo modelada ou interpretada.

Em geral, o falante situa seu discurso em uma base, assume um determinado ponto de vista, põe determinado evento em foco e realiza mudanças constantes nessa configuração. Temos aí noções relacionadas, ou relacionáveis à percepção visual, que são representadas no modelo pelas categorias discursivas de Base, Ponto de Vista e Foco. Ao longo do processamento do discurso, essas categorias discursivas são distribuídas entre os espaços mentais e os participantes da interação têm de acompanhar a dinâmica desse processo: perceber as alterações locais e manter a perspectiva do todo. (AZEVEDO E LEPESQUEUR 2011, p.69).

Além dos *gestaltistas* Köhler, Wertheimer e Koffka, um outro psicólogo que muito contribuiu para a linguística, em especial a cognitiva foi Lev Semenovich Vygotsky, que em seu livro *Pensamento e Linguagem* (1984, p. 118) afirma que uma palavra sem significado não possui um sentido, e esse significado atribuído às palavras é um fenômeno do pensamento conectado à fala passando a ser um fator linguístico quando pensamento se une à linguagem.

Isto é, uma palavra só tem sentido se lhe é atribuído um significado e só passa a pertencer à linguística quando o pensamento no qual o significado da palavra se encontra está em união com a palavra, já se fala pensando no significado do que se está falando.

Com sua psicologia sociointeracionista, Vygotsky propôs à educação reflexões e teorias sobre o pensamento e a linguagem.

Segundo Bock, Furtado & Teixeira (1999, p. 107), Vygotsky via o homem como um ser ativo que age sobre o mundo por meio de relações

sociais, transformando suas ações para poder constituir o “funcionamento de um plano interno”.

Para o psicólogo russo, o indivíduo aproxima-se da natureza com o intuito de mediar as funções psicológicas complexas, pois ele não só responde aos estímulos ambientais como também os alteram e usam essas modificações para benefício do próprio comportamento. Nesse ponto de vista, o aspecto histórico, para Vygotsky, é bem parecido com o cultural. Nele o homem usa os recursos naturais para dominar o ambiente criado ao longo da “história social da civilização”. (BOCK, FURTADO & TEIXEIRA 1999, p. 108).

O aspecto cultural diz respeito aos meios sociais criados pela sociedade, no qual a criança enfrenta ao longo do seu desenvolvimento, organizando os instrumentos mentais e físicos que desde pequena a criança tem que dominar e vão se expandindo dos poderes do homem estruturando seu pensamento. Um instrumento básico que para Vygotsky o homem criou é a linguagem, de forma que se não a tivesse desenvolvido, não seria possível a organização atual dos processos superiores.

No estudo feito por Vygotsky, sobre o desenvolvimento da fala, sua visão fica bastante clara: inicialmente, os aspectos motores e verbais do comportamento estão misturados. A fala envolve os elementos referenciais, a conversação orientada pelo objeto, as expressões emocionais e outros tipos de fala social. Como a criança está cercada por adultos na família, a fala começa a adquirir traços demonstrativos, e ela começa a indicar o que está fazendo e de que está precisando. Após algum tempo, a criança, fazendo distinções para os outros com o auxílio da fala, começa a fazer distinções para si mesma. E a fala vai deixando de ser um meio para dirigir o comportamento dos outros e vai adquirindo a função de auto direção. (BOCK, FURTADO & TEIXEIRA 1999, p. 109)

Sendo assim, é possível entender que quando a criança começa a adquirir o uso da fala, ela o faz sem pensar no que está dizendo, ou seja, por estar inserida em uma sociedade formada por adultos que já possuem a aquisição da linguagem, a princípio, a criança apenas repete o som que escuta para comunicar-se. À medida em que vai reconhecendo os valores das palavras seu desenvolvimento cognitivo vai amadurecendo e ela vai conseguindo representar por meio da fala o objeto no qual está pensando, atribuindo-lhe um sentido.

Este amadurecimento cognitivo da fala e do pensamento só é possível através do contato social, a criança começa a falar porque está inserida em uma sociedade e é por meio dessa interação que ela desenvolve

sua linguística cognitiva, onde mente e língua vão amadurecendo, unindo-se.

Através da obra de Vygotsky (1984, p. 118), pode-se entender que, inicialmente a fala e ação são mecanismos que não dependem uma da outra. A linguagem e o pensamento não estão inter-relacionados, no entanto, com o desenvolvimento da criança, ambos vão se desenvolvendo e esta relação acontece quando cognição e língua evoluem, neste momento estas habilidades se encontram, se modificam e se desenvolvem, originando a inteligência humana, formando uma ligação entre fala e ação. A princípio, aquela acompanha esta, posteriormente, a fala planeja e domina o curso da ação.

Conforme Bock, Furtado & Teixeira (1999, p. 109-110), os movimentos e expressões verbais da criança influenciam o adulto que os interpreta e responde à mesma por meio de ação ou fala, ou seja, a fala possui um importante papel no desenvolvimento psicológico da criança, por isso, a fala egocêntrica, nada mais é do que uma transição entre a fala interior com a exterior.

A linguagem é a base da relação entre as funções psicológicas e as funções psicológicas e as ações dos indivíduos para a contribuição de um funcionamento interno, visto que este não é a reprodução do externo, já que há transformações no processo de internalização. Isto é, o indivíduo não abstrai a fala exterior para a interior, haja vista que a fala interior também sofre um processo de transformações e desenvolvimento. As relações sociais são, então, resultantes das funções psicológicas do homem, operando por meio de interação sociais e por meio da linguagem.

4. Vygotsky e o ensino da linguagem

De acordo com Bock, Furtado & Teixeira (1999, p. 107), Lev Semenovitch Vygotsky, nasceu em 1896 e morreu em 1934, com apenas 37 anos. Ele lutou por uma alternativa dentro do materialismo dialético contra o idealismo e o mecanicismo na psicologia. Ao lado de outros teóricos propôs inovações sobre temas a respeito da relação do pensamento e linguagem, desenvolvimento infantil e a função da instrução no desenvolvimento.

Para ele o que diferencia o homem do animal está nas relações sociais, regidas pelas formas superiores do comportamento consciente (pensamento, memória, atenção voluntária etc.).

Conforme o Centro de Referência Educacional, a partir de 1912, o psicólogo Vygotsky estudou direito, filosofia e história em Moscou. No entanto, foi durante seus estudos secundários que se interessou pelas ciências humanas (línguas e linguística, estética e literatura, filosofia e história).

Segundo Vygotsky (1935 *apud* FARIA 2006) a aprendizagem está veementemente relacionada ao desenvolvimento num processo de transformação no qual, durante a maturação da vida social, de acordo com o que a criança aprende, ela vai se desenvolvendo. A criança aprende adquirindo a experiência ao qual vai amadurecendo.

A isso, conforme Faria (2006), Vygotsky (1935), conceitua como zona de desenvolvimento proximal ou ZDP, que caracteriza a distância entre o desenvolvimento que a criança já adquiriu (desenvolvimento real) e o nível de desenvolvimento que será atingido pela criança (o desenvolvimento potencial).

Preocupado com a questão educacional, Vygotsky (1935) afirma que:

[...] há apenas um meio: planejar as atividades didáticas levando em conta e buscando incidir sobre a ZDP. Para tal, seria imprescindível que o educador conhecesse tanto o desenvolvimento real quanto o potencial de seus alunos, ou seja, as atividades que estes conseguem realizar autonomamente e aquelas que são possíveis apenas com a colaboração de outrem. (FARIA, 2006).

Com o intuito de solucionar as dificuldades encontradas no ensino, principalmente a do modo de avaliação dos níveis real e potencial, acompanhando-os individualmente por cada um no processo escolar, foi aplicado no Brasil, os PCN (1998), que abriria um novo horizonte de perspectivas e desafios educacionais.

Os PCN (*Parâmetros Curriculares Nacionais*, 1998) estão intrinsecamente ligado às ideias vygotskyana, em especial na seção “A Mediação do Professor no Trabalho com a Linguagem”, que trabalha com o conceito de ZDP, considerando como importante o professor como mediador no ensino de língua, valorizando a “palavra do outro na interlocução, ou tornando o ambiente da sala de aula em espaço de reflexão e de contato crítico e respeitoso com o diferente, enfim, um espaço de alteridade saudável”. (FARIA, 2006).

De acordo com os PCN (1998, p. 48), o professor deve estar atento aos conhecimentos prévios e às competências discursivas dos alunos para que possa avançar no processo necessário de ensino.

Quanto aos *Objetivos de Ensino*, os PCN apontam para o desenvolvimento das “atividades globais, escuta de textos orais, leitura de textos escritos, produção de textos orais/escritos e análise linguística” (FARIA, 2006), objetivando que o aluno consiga ser capaz de ao ler um texto possa estabelecer uma conexão com suas expectativas e que estas leituras desafiem sua atual condição de acordo com a linguagem textual ou por meio das orientações mediadas pelo professor.

Ou seja, através do ensino de línguas, o aluno, com a mediação do professor ou por meio de recursos textuais, se torne um leitor crítico capaz de abstrair a leitura para sua vida real e vice-versa.

Sendo assim:

o professor formado deve vivenciar o que irá ensinar, sob a pena de não contagiar os alunos com o que diz e faz. O gosto pela leitura, pelo conhecimento, o respeito à diversidade linguística, entre outros, devem ser requisitos indispensáveis ao professor. Como enfatizam os PCN, é uma responsabilidade coletiva de educadores – e onde acrescentamos também os alunos – fazer da escola um espaço de crescimento, de respeito, de cidadania. (FARIA, 2006).

Ou seja, cabe ao professor, como mediador, preparar o aluno para ser um falante de língua capaz de compreender e participar socialmente como um ser agente no mundo ao qual pertence. O ensino de língua deve capacitar as habilidades cognitivas do educando a fim de proporcionar a ele uma inserção na sociedade como alguém capaz de promover mudanças socioculturais.

5. *Considerações finais*

Levando em conta que a língua é a oportunidade inicial para a inserção do indivíduo na comunidade social, cabe à linguística promover ao aluno a habilidade para manusear a linguagem.

No processo de aquisição da língua, o indivíduo em princípio não consegue mentalizar o significado das palavras, apenas reproduz os signos que lhes são ensinados pelos adultos da comunidade no qual pertence. Aos poucos, com o desenvolvimento da cognição, ele vai atribuindo os valores aos objetos, conseguindo pensar o significado da palavra do qual ele irá pronunciar.

E é nesse momento que a linguística abre espaço para a psicologia poder estudar a evolução da cognição do ser humano, onde com o amadurecimento do pensamento, o homem, é capaz de obstruir do entorno a

noção abstrata, trazendo para a construção do discurso, momentos e objetos que podem ou não ser reais.

Os estudos psicológicos, em especial o da Gestalt e de Vygotsky buscam levar ao indivíduo a aquisição da língua, que para tal realização deve estabelecer contato com o pensamento, onde um e outro caminham juntos em prol do desenvolvimento e maturação da linguagem. Maturação essa que só é possível com o desenvolvimento de ambos.

Enfim, o que se pretende com este artigo é mostrar que com o desenvolvimento cognitivo, o aluno de línguas, consegue, se lhe for mediado, adquirir um domínio sobre as capacidades linguísticas, pois se é acessível ao professor conhecer a capacidade individual do aluno, lhe é favorável uma boa inserção do conteúdo de língua portuguesa, respeitando suas capacidades, em especial a cognitiva. Pois a cognição influencia o homem no seu relacionamento, visto que a fala é uma herança sociocultural, presente nos relacionamentos e na interação dos indivíduos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AZEVEDO, A. M. T. de; LEPESQUEUR, M. Aspectos da afiliação epistemológica da linguística cognitiva à psicologia da Gestalt: percepção e linguagem. *Ciências e Cognição*, 2011, Vol. 16. Disponível em: <<http://www.cienciasecognicao.org>>. Acesso em: 01-06-2013.

BOCK, A. M. B.; FURTADO, O.; TEIXEIRA, M. de L. T. *Psicologias, uma introdução ao estudo de psicologia*. [São Paulo]: Saraiva, 1999.

BRASIL. *Parâmetros curriculares nacionais: 3º e 4º ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa*. Brasília: MEC/SEF, 1998.

CENTRO de Referência Educacional. *Vygotsky: vida e obra*. 2008. Disponível em:

<<http://www.educacao.salvador.ba.gov.br/site/documentos/espaco-virtual/espaco-alfabetizar-letrar/lecto-escrita/teorias-teoricos/vygotsky%20vida%20e%20obra.pdf>>. Acesso em: 09-06-2013.

CHAGAS, C. E. das. *O papel social da língua: o poder das variedades linguísticas*. Disponível em:

<<http://www.filologia.org.br/soletras/16/o%20papel%20social%20da%20lingua%20o%20poder%20das%20variedades%20linguisticas.pdf>>.

FARIA, P. P. F. de. *Os PCN e a aula de português*. Campinas, 2006.
Disponível em:

<<http://www.unicamp.br/iel/site/alunos/publicacoes/textos/p00008.htm>>.

Acesso em: 25-05-2013.

LEITE, L. B. Representação e comunicação: o estudo de funções linguísticas em psicologia. *Cognição e Linguagem*. Disponível em:

<http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X1995000200006>.

VYGOTSKY, L. S. O instrumento e o símbolo no desenvolvimento da criança. In: COLE, M. et alii. (Orgs.). *A formação social da mente*. São Paulo: Martins Fontes, 1984.